

# **ECONOMIAS REGIONAIS PAULISTAS NO PERÍODO 2005-2007: desconcentração na agropecuária com concentração na agricultura revelando diferenças estruturais<sup>1</sup>**

José Sidnei Gonçalves<sup>2</sup>

José Alberto Angelo<sup>3</sup>

Sueli Alves Moreira Souza<sup>4</sup>

## **1 - INTRODUÇÃO**

As transformações da agricultura paulista não ocorreram de forma similar e com a mesma dinâmica em todo território estadual, o que acabou produzindo significativas diferenças quando se visualizam as diversas regiões estaduais. Tendo em conta que a agropecuária estadual emerge com o ciclo cafeeiro do Vale do Paraíba no final do século XIX, ainda sob o regime escravista, e nos desdobramentos históricos desse processo transborda para as regiões de Campinas e depois segue em direção a Ribeirão Preto, constituindo enorme dinamismo econômico associado à interiorização do desenvolvimento na trilha da expansão ferroviária e, no plano estrutural, à industrialização concentrada em São Paulo (CANO, 1980).

O ciclo cafeeiro, conquanto tenha desenvolvido todo um complexo de atividades no seu entorno, além de propiciar as condições da industrialização brasileira, apresenta como característica fundamental a produção de um produto primário para exportação, sem que aqui tenha se desenvolvido na plenitude uma agroindústria cafeeira. Na verdade, a expansão cafeeira, da lógica da agricultura, configura-se como o avanço da fronteira territorial em que os ganhos patrimoniais com a valorização fundiária movem a busca de novas áreas para o plantio da rubiácea, na mesma medida em que o mercado internacional sustenta a demanda pela produção nacional (CANO, 1980).

Assim, a industrialização do período cafeeiro consistiu numa atividade que, mesmo na

sua relação com a agropecuária, não representou uma dinâmica imbricada de produção rural e agroindústria em termos do desenvolvimento dos mecanismos de coordenação vertical. De alguma maneira isso também ocorre quando o surto algodoeiro ganhou espaço a partir da crise econômica dos anos 1930 que abalou a cafeicultura paulista, uma vez que sob os auspícios de políticas públicas ativas se coordenaram as intervenções privadas isoladas de cotonicultores, beneficiadores e agroindustriais têxteis (PAIVA, 1996a). Essa realidade também pode ser encontrada mais tarde na agroindústria canavieira paulista que durante décadas correspondeu à crescente falta de sintonia entre fornecedores de cana e usineiros de açúcar, fato exacerbado em inúmeros conflitos (PRADO JUNIOR, 1969).

O fato a ser destacado é que a vinculação mais consistente entre agropecuária e agroindústria - no sentido da construção da agricultura industrializada desenvolvendo mecanismos mais consistentes de coordenação vertical que produz a construção de cadeias de produção - representa um movimento recente na agricultura paulista e que, não apenas não atingiu todos os segmentos produtivos, como ainda está em curso nas diversas dinâmicas regionais especializadas (GONÇALVES, 2005a). E mais próximo ainda do presente, consiste o avanço da financeirização da agricultura com a construção de imensa rede de agrosserviços transacionais e financeiros, em particular aqueles associados ao comércio exterior, gerando as teias de agronegócios que articulam produções descentralizadas do ponto de vista regional sob a égide da grande empresa de negócios da agricultura (GONÇALVES, 2005b).

Essa nova face de modernidade estrutural da agricultura paulista, que se configura como setor agroindustrial-exportador numa realidade nacional ainda predominantemente primário-exportador, revela-se dessa forma um fato contemporâneo ao final dos anos 1990 (GONÇALVES; SOUZA, 2006) e que ainda enseja

<sup>1</sup>Registrado no CCTC, IE-77/2008.

<sup>2</sup>Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: sydy@iea.sp.gov.br).

<sup>3</sup>Matemático, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: alberto@iea.sp.gov.br).

<sup>4</sup>Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: sueli@iea.sp.gov.br).

movimentos de aprofundamento estrutural. Isso porque ainda nos anos 1940 a agropecuária paulista não detinha condições estruturais de resposta a preços, dada a capacidade produtiva restringida pela limitação da base técnica precária (PAIVA, 1996b). Tanto assim que, apenas com a implementação de decisiva política de modernização agropecuária com o crédito rural subsidiado da metade dos anos 1960 até o final da década de 1970 (PINTO, 1980), tem-se a modificação da produção no sentido da mecanização de processos e do uso de insumos agroindustriais como fertilizantes, corretivos e outros agroquímicos.

Data do mesmo período histórico dos anos 1970 a constituição da maior amplitude produtiva da agroindústria processadora com base no financiamento público (BELIK, 1994) e das plantas agroindustriais de bens de capital e insumos (KAGEYAMA et al., 1990) que, em conjunto com a agropecuária moderna, configuram o novo padrão agrário dadas as novas bases estruturais da agricultura, completando a internalização da 2ª Revolução Industrial (CANO, 1993). Mas, mesmo em São Paulo, quando se visualizam as agropecuárias especializadas das diversas regiões têm a convicção de que se trata de um movimento ainda em curso no sentido de seu aprofundamento, e que não se mostra homogêneo em todo território paulista.

A ocupação de relevante parcela da faixa oeste estadual ainda têm como atividade predominante a pecuária de corte (TOYAMA; MARTIN; TACHIZAWA, 1978), atividade que, a despeito de perder expressão para a expansão das lavouras - em especial cana para indústria - desde a década de 1970, ainda ocupa 10 milhões de hectares dos 18 milhões de hectares da área agropecuária estadual (GONÇALVES et al., 2006) e que apresenta enorme pluralismo tecnológico (MARTIN, 1979). E nem todos os segmentos estruturam mecanismos de coordenação vertical por integração vertical ou contratual, sendo que alguns deles como o citrícola (MAIA, 1996), após consolidar o mecanismo de contrato padrão, faz recuo estrutural no acirramento de conflitos entre citricultores e agroindustriais e mesmo dentro de cada um desses elos produtivos.

A realidade da agricultura paulista quando se visualiza a sua inserção produtiva e das exportações setoriais, nesse sentido, configura um mosaico de situações regionais da ótica estrutural que decorre de três grandes dimensões: a) regiões

onde predomina a produção agropecuária enquanto em outras a agricultura já apresenta dimensão mais ampla conformando agrosserviços transacionais e financeiros que elevam sua inserção nas exportações setoriais; b) regiões onde a atividade econômica corresponde a enorme participação da agricultura nas exportações enquanto noutras prevalecem os demais setores da economia; c) regiões onde as exportações setoriais ainda mostram elevada participação dos produtos básicos em contraponto com outras onde as vendas externas da agricultura concentram-se em produtos processados.

Tendo isso nítido, este trabalho busca dar sustentação empírica a esses argumentos na busca de refletir sobre o desenho atual das economias regionais no tocante às respectivas agropecuárias e agriculturas enquanto configurações estruturais especializadas. Trata-se de caracterizar essas diferenças estruturais que configuram um avanço da desconcentração produtiva da agropecuária no mesmo processo em que a agricultura aprofunda a concentração em dadas regiões, revelando com isso a face perversa do movimento em curso que aprofunda as disparidades intra-regionais paulistas. Essa leitura se mostra crucial para o redesenho das políticas públicas, estaduais ou federais, que devam levar em conta esse aspecto da territorialidade incorporando o sentido, senão da redução das distâncias entre as realidades regionais paulistas, ao menos do seu não aprofundamento.

## 2 - DIFERENÇAS ESTRUTURAIS SETORIAIS: agropecuária e agricultura com concentração em regiões distintas

A análise do espectro regional paulista, comparando-se os indicadores de valor da produção agropecuária e das exportações, revela significativa distinção. Verificando as 40 regiões agrícolas que correspondem às áreas de atuação dos Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDRs) no tocante ao valor da produção agropecuária, nota-se que as cinco principais participações ficam por conta das regionais de Barretos (6,13%), São João da Boa Vista (5,15%), Orlandia (4,71%), Jaboticabal (4,52%) e Araraquara (4,49%). Importante salientar que essas regionais em conjunto representam apenas 25,00% do valor da produção agropecuária estadual, e que todas ficam no entorno da

região de Ribeirão Preto (4,16%) que ocupa a posição seguinte (Tabela 1). Todas essas estão no denominado eixo Anhanguera-Bandeirantes ou nas suas proximidades.

Quando se agrega por grandes aglomerados de regionais, nota-se de forma explícita que a mesorregião Nordeste configura-se como a mais relevante (28,25%) enquanto o eixo metropolitano que contempla o entorno da capital mostra a menor participação no valor da produção agropecuária (5,53%). De qualquer maneira, quando se avaliam as regiões agrícolas, as diferenças não são exacerbadas, uma vez que a maior participação ocorre em Barretos (6,13%) e a menor em São Paulo (0,21%) (Tabela 1). Assim, ainda que as menores participações concentrem-se nas regiões metropolitanas e naquelas mais próximas da faixa litorânea (Vales do Ribeira e do Paraíba), há uma distribuição espacial do valor da produção agropecuária paulista que não tem grande amplitude.

Essa distribuição decorre de que, conquanto possa haver maior intensidade do uso do solo numa região, além de extensão territorial maior ou menor e de composição de lavouras com maior renda líquida por hectare (por exemplo, frutas e olerícolas em relação à pecuária de corte), da ótica do valor bruto da produção as diferenças regionais não assumem a mesma expressão de outros indicadores, consubstanciando um resultado que consolida a idéia de agropecuária enquanto segmento produtivo da agricultura essencialmente associado à ocupação territorial, estando presente com intensidade maior ou menor em todos os espaços produtivos da agropecuária paulista. Isso porque as diferenças regionais de renda na agropecuária são muito menores que as verificadas noutros segmentos da agricultura, como na agroindústria. Isso porque o agroprocessamento e os agrosserviços representam percentual mais elevado do valor adicionado total da agricultura. Dessa forma, a presença ou não dessas estruturas numa dada região acaba definindo o patamar de diferenciação da renda.

Essa mesma condição não se encontra quando se analisa a distribuição regional da agricultura paulista consubstanciada nas participações regionais uma vez que o denominado "Eixo Metropolitano" concentra praticamente a metade (49,8%) das exportações estaduais seguida da mesorregião Central (16,4%) e da Nordeste (12,6%) (Tabela 1). Isso mostra que quando se

visualiza toda a amplitude setorial da agricultura a concentração se mostra nítida em alguns espaços geográficos estando esses fatos diretamente relacionados com a distinção da ocupação geográfica entre a agricultura (com todos os segmentos agroindustriais e de agrosserviços) e a agropecuária. Em linhas gerais, tal como ocorre na análise da agricultura paulista na brasileira, da ótica das exportações, verifica-se uma diferença estrutural entre uma agricultura agroindustrial exportadora nas terras paulista e primário exportadora nas demais unidades da federação (SOUZA; GONÇALVES, 2008a).

Essa diferença estrutural captada no universo territorial nacional também se nota de forma explícita quando se analisam as regiões agrícolas paulistas. Há regiões onde a agricultura não avançou na estrutura de agrosserviços e transformação agroindustrial cingindo-se quase que exclusivamente à agropecuária, enquanto em outras a agricultura transformou-se para muito mais além da agropecuária nos processos de industrialização ensejados. E a industrialização não se resume a construir fábricas pois implica a constituição de ampla estrutura de agrosserviços financeiros e transacionais (GONÇALVES, 2005b). Assim, torna-se possível se verificar situações que negam o censo comum como o fato de a renda agropecuária bruta por hectare do Vale do Ribeira - região com piores indicadores de desenvolvimento humano - ser menor que a de Ribeirão Preto - com padrões elevados de desenvolvimento humano (GONÇALVES, 2006).

Essa diferença estrutural entre agropecuária (segmento) e agricultura (setor) fica ainda mais contundente quando se nota que a região agrícola de São Paulo, que detém a menor participação estadual no tocante ao valor da produção agropecuária (0,2%), consiste exatamente naquela em que se tem a maior percentagem das exportações setoriais (39,3%) (Tabela 1). Em linhas gerais, os resultados configuram uma realidade em que a especialização produtiva da agropecuária, conformando diferentes dinâmicas regionais, acaba sendo cimentada pela catálise do grande capital nas estruturas agroindustriais e, principalmente, dos agrosserviços transacionais e financeiros, conformando uma lógica de territorialidades dependentes nas regiões em relação à capital paulista e das demais unidades da federação em relação a São Paulo.

Tanto assim que as exportações da

TABELA 1 - Valor da Produção da Agropecuária e das Exportações da Agricultura, segundo as Regiões Agrícolas de Atuação dos Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDRs) da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Estado de São Paulo, Médias Anuais do Triênio 2005-2007

Região	Valor da produção agropecuária		Exportações da agricultura	
	R\$	%	US\$	%
Araraquara	1.426.840.084	4,49	1.491.998.479	9,58
Lins	571.011.458	1,80	1.065.821.994	6,84
Central	1.997.851.542	6,29	2.557.820.473	16,42
Assis	1.104.549.918	3,48	115.710.482	0,74
Bauru	627.384.513	1,97	67.239.202	0,43
Botucatu	740.731.568	2,33	41.276.571	0,26
Jaú	1.197.451.636	3,77	120.515.961	0,77
Marília	314.137.268	0,99	77.578.324	0,50
Ourinhos	764.375.409	2,41	33.690.699	0,22
Centro-Oeste	4.748.630.312	14,94	456.011.240	2,93
Andradina	878.170.447	2,76	131.555.464	0,84
Araçatuba	974.386.275	3,07	129.418.737	0,83
Dracena	499.554.255	1,57	70.492.451	0,45
Fernandópolis	312.159.182	0,98	104.080.874	0,67
General Salgado	685.076.063	2,16	43.415.194	0,28
Jales	369.154.079	1,16	72.649.243	0,47
Presidente Prudente	909.871.901	2,86	239.194.542	1,54
Presidente Venceslau	482.578.057	1,52	109.918.704	0,71
Tupã	710.303.558	2,24	30.811.137	0,20
Extremo Oeste	5.821.253.816	18,32	931.536.345	5,98
Bragança Paulista	452.953.274	1,43	136.568.413	0,88
Franca	849.240.488	2,67	227.715.153	1,46
Mogi-Mirim	749.344.793	2,36	271.921.371	1,75
Orlândia	1.496.501.639	4,71	248.374.535	1,59
São João da Boa Vista	1.635.445.071	5,15	102.362.906	0,66
Jaboticabal	1.436.881.907	4,52	90.011.656	0,58
Limeira	1.036.698.459	3,26	399.291.001	2,56
Ribeirão Preto	1.321.577.401	4,16	493.031.186	3,16
Nordeste	8.978.643.032	28,25	1.969.276.220	12,64
Barretos	1.948.656.939	6,13	779.415.034	5,00
Catanduva	1.073.950.207	3,38	321.816.637	2,07
São José do Rio Preto	1.020.980.803	3,21	176.069.819	1,13
Votuporanga	474.511.057	1,49	136.690.989	0,88
Norte	4.518.099.006	14,22	1.413.992.480	9,08
São Paulo	67.477.209	0,21	6.114.228.570	39,25
Mogi das Cruzes	247.913.830	0,78	405.249.566	2,60
Campinas	630.040.405	1,98	412.163.135	2,65
Piracicaba	811.145.562	2,55	822.150.886	5,28
Eixo Metropolitano	1.756.577.006	5,53	7.753.792.156	49,77
Avaré	739.170.601	2,33	14.988.341	0,10
Itapetininga	974.602.778	3,07	132.875.307	0,85
Itapeva	934.336.249	2,94	19.652.672	0,13
Sorocaba	583.541.380	1,84	181.701.573	1,17
Sudoeste	3.231.651.008	10,17	349.217.892	2,24
Guaratinguetá	123.388.841	0,39	42.146.561	0,27
Pindamonhangaba	192.973.152	0,61	95.039.077	0,61
Registro	410.426.721	1,29	9.677.283	0,06
Vales e Litoral	726.788.714	2,29	146.862.921	0,94
<b>Total</b>	<b>31.779.494.436</b>	<b>100,00</b>	<b>15.578.509.726</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Valor da produção agropecuária do Instituto de Economia Agrícola (IEA) e informações de exportações da agricultura elaboradas pelo IEA/APTA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

agricultura, realizadas por empresas paulistas - aquelas baseadas operacionalmente em São Paulo -, que correspondem às estatísticas utilizadas nesta análise, e que somaram US\$18,2 bilhões em 2007, enquanto as vendas externas da agricultura com base em produtos “produzidos” em território paulista totalizaram US\$15,5 bilhões no mesmo ano, ou seja, os negócios das empresas paulistas foram maiores em US\$2,7 bilhões (+17,7%) que os realizados com produtos paulistas (SOUZA; GONÇALVES, 2008a).

Essa constatação dá desenhos finais ao fato de que a agricultura e a agropecuária paulistas - e mesmo brasileira - realizam-se em espaços geográficos distintos face à intensificação do processo de especialização produtiva, mas isso ocorre num processo de catálise, pois todas as produções regionais convergem para as mesmas estruturas do grande capital agroindustrial e financeiro sediados em São Paulo, mais propriamente na capital. Relevante ressaltar que tal realidade de concentração produtiva também se nota quando consideradas as exportações totais, em que o entorno da capital paulista representa 40,4% das vendas das empresas paulistas na média do triênio 2005-2007 (Tabela 2).

Desde logo destaque-se o fato de a participação do entorno da capital paulista nas exportações estaduais totais (40,4%) se mostrar maior que o das exportações da agricultura (39,2%). A importância da logística de agrosserviços transacionais e financeiros para essa configuração espacial pode ser aquilatada tendo em conta que as três demais regionais em importância nas exportações totais paulistas (Pindamonhangaba, Campinas e Piracicaba) estão também localizadas nesse entorno e que representam, em conjunto com a região metropolitana da Capital, o expressivo índice de 70,0% das vendas externas estaduais (Tabela 2). Dessa maneira, ainda que tenha ocorrido um processo de descentralização produtiva interno ao território paulista, dada a relevância do comércio exterior para a demanda, a concentração de agrosserviços transacionais e financeiros configuram outra lógica, a da concentração do capital financeiro que permitiu uma relativa desconcentração produtiva.

Essa desconcentração produtiva não se dá de forma homogênea e nem atinge todos os segmentos produtivos. Quando se visualiza a agricultura essa diferença estrutural fica nítida. Desde logo, as empresas paulistas exportam mais que a

produção da agricultura paulista, pois em 2007 as exportações totais da agricultura realizada pelas empresas paulistas somaram US\$18,2 bilhões, ou seja, são US\$2,7 bilhões a mais (+17,7%) que as vendas da produção da agricultura paulista realizadas por essas empresas que somaram US\$15,5 bilhões (SOUZA; GONÇALVES, 2008a). E essa diferença estrutural verificada entre as exportações da agricultura paulista em relação às das demais unidades da federação brasileira também se mostra presente na dimensão regional da própria agricultura em São Paulo.

Uma leitura espacial mais ampla mostra que as maiores participações da agricultura nas exportações totais regionais estão nas regionais localizadas na faixa oeste do território estadual em que a maioria tem índices maiores que 90,0% e, em que as sete primeiras apresentam uma participação setorial nas exportações totais regionais próximas de 100,0% (Presidente Venceslau, Assis, Jales, Barretos, Dracena, Fernandópolis e Lins). Noutra ponta, nota-se que as regionais onde a agricultura apresenta a menor participação nas exportações localizam-se no entorno da Capital (Pindamonhangaba, Sorocaba, Campinas, Guaratinguetá e Mogi-Mirim) (Tabela 2).

As maiores participações da agricultura nas exportações totais regionais ocorrem nas regiões onde a dimensão setorial na economia local se mostra predominante. E os menores percentuais ocorrem onde estão concentradas as estruturas industriais, num retrato nítido das diferenças encontradas na realidade regional estadual e para as quais poucos instrumentos de política pública estão desenhados. E quando existem, não atendem à lógica da agricultura, mas do tratamento dos problemas urbanos e de integração das regiões metropolitanas para as quais agências de desenvolvimento regional foram criadas visando o tratamento diferenciado nas políticas estaduais. Para a agricultura, mesmo na estrutura pública setorial especializada, ainda persiste a fragilidade da ação e dos instrumentos de ação para o desenvolvimento regional, mesmo para as regiões de agricultura deprimida. Dada a condição estratégica do setor para contribuir para a redução das diferenças que acabam refletindo-se em indicadores de desenvolvimento humano, por vezes dramáticos como no Alto Ribeira, essa ausência de preocupação pública se mostra preocupante.

Outra dimensão das diferenças estrutu-



TABELA 2 - Exportações Totais e de Produtos Processados (Semi-Manufaturados mais Manufaturados) da Agricultura e Participação da Agricultura no Total e dos Processados no Total Setorial segundo as Regiões Agrícolas de Atuação dos Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDRs) da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Estado de São Paulo, Triênio 2005-2007

Região	Exportações totais			Exportações processados da agricultura		
	US\$	%	Part. %	US\$	%	%
Araraquara	1.998.780.599	4,08	74,65	1.394.706.029	13,40	93,48
Lins	1.080.698.866	2,20	98,62	545.536.787	5,24	51,18
Central	3.079.479.465	6,28	83,06	1.940.242.816	18,65	75,86
Assis	115.768.693	0,24	99,95	96.175.688	0,92	83,12
Bauru	392.654.035	0,80	17,12	24.852.505	0,24	36,96
Botucatu	162.962.622	0,33	25,33	11.566.530	0,11	28,02
Jaú	129.121.407	0,26	93,34	82.351.115	0,79	68,33
Marília	94.320.133	0,19	82,25	75.830.782	0,73	97,75
Ourinhos	58.333.466	0,12	57,76	22.387.900	0,22	66,45
Centro-Oeste	953.160.356	1,94	47,84	313.164.520	3,01	68,67
Andradina	171.753.795	0,35	76,60	78.867.461	0,76	59,95
Araçatuba	247.742.301	0,51	52,24	119.038.419	1,14	91,98
Dracena	70.849.677	0,14	99,50	66.308.730	0,64	94,07
Fernandópolis	104.877.336	0,21	99,24	10.270.065	0,10	9,87
General Salgado	44.168.016	0,09	98,30	40.494.779	0,39	93,27
Jales	72.725.525	0,15	99,90	32.639.119	0,31	44,93
Presidente Prudente	249.812.450	0,51	95,75	192.352.069	1,85	80,42
Presidente Venceslau	109.931.295	0,22	99,99	79.650.207	0,77	72,46
Tupã	34.230.336	0,07	90,01	26.288.736	0,25	85,32
Extremo Oeste	1.106.090.731	2,26	84,22	645.909.584	6,21	69,34
Bragança Paulista	261.546.175	0,53	52,22	77.239.564	0,74	56,56
Franca	247.373.603	0,50	92,05	204.841.353	1,97	89,96
Mogi-Mirim	1.836.114.396	3,74	14,81	221.248.536	2,13	81,36
Orlândia	273.581.248	0,56	90,79	123.060.668	1,18	49,55
São João da Boa Vista	144.898.148	0,30	70,64	48.731.033	0,47	47,61
Jaboticabal	112.256.665	0,23	80,18	69.540.371	0,67	77,26
Limeira	957.461.352	1,95	41,70	353.512.244	3,40	88,53
Ribeirão Preto	656.840.751	1,34	75,06	444.725.981	4,27	90,20
Nordeste	4.490.072.338	9,16	43,86	1.542.899.751	14,83	78,35
Barretos	781.824.431	1,59	99,69	603.572.016	5,80	77,44
Catanduva	328.907.384	0,67	97,84	311.602.738	2,99	96,83
São José do Rio Preto	188.228.062	0,38	93,54	73.142.786	0,70	41,54
Votuporanga	141.057.018	0,29	96,90	45.006.919	0,43	32,93
Norte	1.440.016.896	2,94	98,19	1.033.324.460	9,93	73,08
São Paulo	19.835.999.611	40,45	30,82	3.003.319.891	28,86	49,12
Campinas	4.237.764.800	8,64	9,56	321.989.623	3,09	79,45
Mogi das Cruzes	1.067.791.737	2,18	38,60	392.217.776	3,77	95,16
Piracicaba	2.614.852.940	5,33	31,44	818.822.664	7,87	99,60
Eixo Metropolitano	27.756.409.087	56,60	27,94	4.536.349.955	43,59	58,50
Avaré	15.428.453	0,03	97,15	6.733.343	0,06	44,92
Itapetininga	178.652.429	0,36	74,38	91.421.230	0,88	68,80
Itapeva	26.588.746	0,05	73,91	16.924.888	0,16	86,12
Sorocaba	1.943.541.109	3,96	9,35	139.012.351	1,34	76,51
Sudoeste	2.164.210.737	4,41	16,14	254.091.812	2,44	72,76
Guaratinguetá	352.788.546	0,72	11,95	42.146.561	0,41	100,00
Pindamonhangaba	7.682.745.477	15,67	1,24	93.751.012	0,90	98,64
Registro	17.273.503	0,04	56,02	4.160.847	0,04	43,00
Vales e Litoral	8.052.807.526	16,42	1,82	140.058.420	1,35	95,37
Total	49.042.247.137	100,00	31,77	10.406.041.318	100,00	66,80

Fonte: Elaborada pelo IEA/APTA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

rais regionais paulistas pode ser verificada quando se analisa a agregação de valor das exportações da agricultura estadual. Quando se visualizam os indicadores das vendas externas setoriais das diversas unidades da federação brasileira, verifica-se a inserção da agricultura agroindustrial-exportadora paulista numa realidade ainda primário-exportadora das demais agriculturas estaduais (SOUZA; GONÇALVES, 2008b). O que se mostra relevante pontuar é a diferenciação que reproduz na verdade uma situação verificável na própria dinâmica regional interna à agricultura paulista.

As maiores participações de produtos processados nas exportações setoriais regionais ocorrem em Guaratinguetá, Piracicaba, Pindamonhangaba, Marília e Catanduva. E as menores em São José do Rio Preto, Votuporanga, Botucatu e Fernandópolis (Tabela 2). Conquanto a leitura dessa distribuição regional conduza à conclusão de que as exportações da agricultura com menor agregação de valor ocorram em regiões situadas mais na faixa oeste do território estadual, dentre as de maior agregação de valor pelo menos duas (Marília e Catanduva) também estão nesse mesmo espaço regional do território paulista.

A questão a ser colocada é que, a já demonstrada elevada participação do entorno da capital nas exportações setoriais regionais paulistas deixa para os negócios realizados diretamente pelas estruturas regionais o condicionante da escala, com o que, as vendas executadas diretamente das regiões - sem passar pela estrutura de agrosserviços transacionais e financeiros metropolitanos - acabam sendo realizadas por grandes unidades agroindustriais. Tanto assim que para cada região com elevada participação de produtos processados nas exportações totais da agricultura paulista pode-se associar a existência de uma grande unidade agroindustrial - de sucos cítricos, de frigoríficos ou de usinas sucroalcooleira.

Verifique-se que a regional de São Paulo (Capital), conquanto não tenha participação relevante na produção agropecuária, tem baixa expressiva de agregação de valor nas exportações setoriais. Lendo o indicador pelo sentido inverso, pouco mais da metade das exportações regionais da agricultura da regional da Capital consiste em vendas de produtos básicos, 49,1% de produtos processados (Tabela 2). Ora, como uma região que tem percentual irrelevante da agropecuária no total estadual do segmento (0,21% do valor da produção) apresenta a maior

participação das exportações da agricultura (39,3%) (Tabela 1) realiza a maior proporção das suas vendas externas setoriais na forma de produtos básicos? A resposta está na concentração e excelência de sua logística de agrosserviços transacionais e financeiros que consistem na grande prioridade das políticas públicas para a agricultura no conglomerado metropolitano paulista. Esse segmento tem participação expressiva na nova configuração da geração de emprego e renda no capitalismo moderno, e como tal, deve ser pensado como estratégico na definição das políticas públicas nacionais e, principalmente, estaduais, regionais e municipais.

Dessa maneira, a descentralização da estrutura produtiva agroindustrial representa um caminho para a redução dessa diferença estrutural refletida no perfil das exportações - e como espelho isso acaba acontecendo também nas transações dentro do mercado interno para aumentar a eficiência da logística em especial a comercial e financeira - consiste na descentralização agroindustrial. Mas é preciso ter nítido que isso não retira do entorno metropolitano a condição de continuar a dominar o núcleo endógeno de agrosserviços transacionais e financeiros, que consiste na viga sustentadora do atual processo de transformação capitalista. Isso implica que a descentralização produtiva consiste numa particularidade do movimento regional que realiza o capitalismo tardio brasileiro como um todo. Não deixar de ter em conta que essa dimensão se mostra fundamental para a correta definição de estratégias de políticas públicas setoriais.

### 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das diferenças estruturais entre as regiões agrícolas paulistas, expressas nas informações do valor da produção agropecuária e das exportações da agricultura estaduais, revelou maior desconcentração regional da agropecuária em contrapartida de uma elevada concentração regional da agricultura. Isso remete para a necessidade de entendimento das dinâmicas regionais dado que tal constatação está relacionada de forma intrínseca às disparidades regionais estaduais - em função de que a agropecuária se mostra por definição um segmento econômico associado à ocupação do espaço exigindo compreensão consistente para que se

jam ensejadas políticas de desenvolvimento mitigadoras dessas diferenças e, especialmente, que conduzam ao resgate de regiões de agricultura deprimida existentes no território paulista.

A diversidade estrutural da agricultura paulista na verdade representa um todo imbricado, que tem irradiações para mais além que o território paulista. As transformações da agricultura brasileira se deram no ensejo dos processos de industrialização. Nas primeiras décadas do século XX, a internalização da indústria de bens de consumo, consoante o padrão da 1ª Revolução Industrial, deu-se em paralelo com o apogeu do ciclo cafeeiro. Mais que determinar as raízes da concentração industrial em São Paulo, esse processo conduziu à construção no mesmo espaço geográfico da gênese da moderna agricultura. Essa leitura se mostra fundamental para o entendimento de que a territorialidade construída no desenvolvimento do capitalismo tardio brasileiro decorre de transformações econômicas que, movendo a história, condicionou o processo histórico dos distintos territórios. Também se configura essencial para entender que os movimentos econômicos de desconcentração produtiva decorrem exatamente dessas raízes de concentração, tanto da moderna indústria como da moderna agricultura em terras paulistas. E isso se dá, não pelo enfraquecimento dos laços econômicos, senão pelo fortalecimento em novas bases estruturais, com a prevalência dos agrosserviços transacionais e financeiros.

Os processos subseqüentes da industrialização brasileira conformaram as bases estruturantes da territorialidade na agricultura brasileira e seus desdobramentos continuam a formatar o desenrolar das mudanças em curso. Para tanto, compreender seu movimento se mostra crucial para definir os elementos formadores do futuro setorial, em especial no tocante à sua dinâmica espacial. Isso porque, numa economia forjada com base numnexo de territórios, alterações estruturais nos centros mais dinâmicos, porque detêm o núcleo endógeno irradiador da modernidade, acabam por reproduzir-se em “efeito domínio” pelos demais espaços territoriais. Noutras palavras, o entendimento dos movimentos da agricultura dos diversos territórios brasileiros, em especial na busca de definir os elementos formadores de futuro, exige que seja compreendida a dinâmica da agricultura paulista no seu curso de desconcentração econômica.

Os indicadores de disparidades inter-regionais da economia paulista mostram amplitudes exacerbadas de diferenças que devem ser objeto de políticas territoriais específicas para as respectivas agriculturas. Mas, se a necessidade de focar a agricultura com políticas públicas produzidas com base no axioma da territorialidade se mostra premente na principal unidade da federação brasileira da ótica da pujança industrial, mais ainda isso se torna um imperativo quando se colocam as diferenças estruturais entre a agricultura paulista e a brasileira. Para compreender a magnitude das distâncias, basta considerar os perfis das exportações dessas agriculturas, uma vez que no caso paulista três quartos das vendas externas são de produtos processados e no brasileiro algo em torno da metade. Em síntese, tem-se um São Paulo agroindustrial-exportador num Brasil ainda predominantemente primário-exportador. E o processo de descentralização produtiva corresponde exatamente à irradiação desse padrão construído pela agricultura paulista para outras unidades da federação.

Numa leitura territorial da agricultura paulista, verifica-se um amplo mosaico de situações definindo territorialidades características que cada vez mais problematizam a possibilidade de sucesso de políticas setoriais genéricas. O próprio sentido da crise setorial das safras 2004/05 e 2005/06 mostra bem esse fato, pois enquanto os produtores de grãos e fibras viviam na crise, os canaviais e as lavouras florestais expandiam-se em terras paulistas. Nas safras recentes 2006/07 e 2007/08, essa realidade se inverte com crise canavieira face aos preços internacionais cadentes do açúcar e revitalização dos grãos e fibras pelos elevados preços internacionais da soja e do milho. Logo, a territorialidade não permite vislumbrar uma crise generalizada da agricultura brasileira senão que sua existência está delimitada no espaço geográfico, o que na realidade implica reconhecer a existência de distintas agriculturas territoriais que devam ser tratadas segundo as exigências das respectivas dinâmicas. Nesse sentido, a partir do núcleo mais dinâmico da agricultura paulista, formaram-se e estão em formação outros territórios em transformação que vão progressivamente internalizando o padrão estrutural bandeirante, mas especializando-se em segmentos específicos.

A irradiação do padrão estrutural da agricultura paulista para toda agricultura brasileira, centrado na lógica da dominância da grande em-



presa, nos elos governantes das cadeias de produção e na crescente agregação de valor ao produto agropecuário, corresponde a um elemento determinante, enquanto formador de futuro das transformações em processo, na medida em que não apenas produzem e reproduzem uma territorialidade característica, mas também porque consubstancia um dado perfil de articulação entre as diversas agriculturas territoriais que formam um amplo mosaico de realidades. Nelas, encontram-se desde agriculturas ainda presas à lógica agropecuária, ainda que possam ser modernas e di-

nâmicas nesse segmento, até outras em que a plenitude da transformação agroindustrial, fornecendo produtos finais com elevado valor agregado, se faz presente. Nesse caso, a diversidade de produtos de forma alguma corresponde à lógica da diversificação produtiva, uma vez que as diversas agriculturas territoriais tendem a apresentar uma elevada especialização produtiva. As políticas públicas setoriais na busca da redução das disparidades regionais com base num país policêntrico, mais que reconhecer devem ser desenhadas a partir dessas diversas agriculturas territoriais.

## LITERATURA CITADA

BELIK, W. **Um estudo sobre o financiamento da política agroindustrial no Brasil (1965-87)**. Campinas: IE/UNICAMP, 1994. 58 p. (Texto para Discussão, n. 35).

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1980. 318 p.

\_\_\_\_\_. A industrialização e o desenvolvimento do capitalismo retardatário no Brasil (1880-1980). In: \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o Brasil e a nova (des)ordem internacional**. Campinas: Hucitec, 1993. p. 15-21.

GONÇALVES, J. S. Dinâmica da agropecuária paulista no contexto das transformações da sua agricultura. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, n. 12, p. 65-98, dez. 2005a.

\_\_\_\_\_. Agricultura sob a égide do capital financeiro: passo rumo ao aprofundamento do desenvolvimento dos agronegócios. **Informações Econômicas**, v. 35, n. 4, p. 7-36, abr. 2005b.

\_\_\_\_\_; SOUZA, S. A. M. **Agregação de valor nos agronegócios e diferenças estruturais entre as exportações setoriais paulistas e brasileiras, 1997-2005**. São Paulo: IEA/APTA, 2006. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>. Acesso em: out. 2008.

GONÇALVES, J. S. et al. Composição de culturas e ocupação do espaço na agropecuária paulista de 1969-1971 a 2002-2004. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006, Fortaleza. **Anais eletrônico...** Fortaleza, CE: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2006. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>. Acesso em: out. 2008.

SOUZA, S. A. M.; GONÇALVES, J. S. Agregação de valor e diferenças estruturais das exportações da agricultura paulista em relação às demais unidades da federação brasileira no período 1997-2007. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2008, Rio Branco, AC. **Anais eletrônico...** Rio Branco, AC: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2008a. Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/noticia/sober/Sober2.pdf>>. Acesso em: out. 2008.

\_\_\_\_\_. Diferenças estruturais e especialização regional das exportações da agricultura paulista em relação às demais unidades da federação brasileira no período 1997-2007. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2008, Rio Branco, AC. **Anais eletrônico...** Rio Branco, AC: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2008b. Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/noticia/sober/Sober4.pdf>>. Acesso em: out. 2008.

KAGEYAMA, A. et al. O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO, G. C.; GASQUES, J. G.; VILLA VERDE, C. M. (Org.) **Agricultura e política públicas**. Brasília: IPEA, 1990. p. 113-224.

MAIA, M. L. **Citricultura paulista: evolução, estrutura e acordos de preços**. São Paulo: IEA/SAA, 1996. 157 p. (Cole-

ção Estudos Agrícolas, n. 4).

MARTIN, N. B. O pluralismo tecnológico na pecuária de corte no Estado de São Paulo. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 187-216, 1979.

PAIVA, R. M. Fatores que afetam a produção de algodão no sul do Brasil. **Agricultura em São Paulo**, v. 43, n. 3, p. 141-174, set./dez. 1996a.

\_\_\_\_\_. Uma característica da agricultura em São Paulo. **Agricultura em São Paulo**, v. 43, n. 3, p. 175-180, set./dez. 1996b.

PINTO, L. C. G. **Notas sobre a política agrícola e crédito rural**. Campinas: IE/UNICAMP, 1980. 344 p.

PRADO JUNIOR, C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1969. 354 p.

TOYAMA, N. K.; MARTIN, N. B.; TACHIZAWA, E. H. **A pecuária bovina de corte no Estado de São Paulo**. São Paulo: IEA/SAA, 1978. 94 p. (Relatório de Pesquisa, n. 5).

**ECONOMIAS REGIONAIS PAULISTAS NO PERÍODO 2005-2007:  
desconcentração na agropecuária com concentração na  
agricultura revelando diferenças estruturais**

**RESUMO:** O trabalho analisa as economias regionais paulistas no período 2005-2007, mostrando a relativa desconcentração na produção agropecuária se contrapondo à concentração da agricultura no eixo metropolitano do entorno da capital paulista. Tal se dá pela prevalência dos agrosserviços transacionais e financeiros nesses conglomerados urbanos. Tais constatações remetem para a necessidade de entendimento das dinâmicas regionais dado que tal constatação está relacionada de forma intrínseca às disparidades regionais estaduais - em função de que a agropecuária se mostra por definição um segmento econômico associado à ocupação do espaço - exigindo compreensão consistente para que sejam ensejadas políticas de desenvolvimento mitigadoras dessas diferenças e, especialmente, que conduzam ao resgate de regiões de agricultura deprimida existentes no território paulista.

**Palavras-chave:** agricultura territorial, exportações da agricultura, produção agropecuária, economia regional.

**REGIONAL ECONOMIES IN THE STATE OF SAO PAULO OVER 2005-2007:  
de-concentration in cattle agriculture and concentration in crop  
agriculture revealing structural differences**

**ABSTRACT:** In analyzing regional economies in the state of Sao Paulo over 2005-2007, this work shows the de-concentration of cattle agriculture in contraposition to the concentration of crop agriculture in the metropolitan region around the capital of Sao Paulo. This is due to the prevalence of transnational agricultural and financial services in these urban conglomerates. These observations point to the need to understand regional dynamics insofar as they are intrinsically linked with regional disparities among Brazilian states. Consequently, agriculture appears by definition as an economic sector related to the occupation of space, thereby requiring a consisting comprehension so that development policies can mitigate these differences and, in particular, lead to the rescue of depressed agricultural regions from the state of Sao Paulo.

**Key-words:** territorial agriculture, agricultural exports, agricultural production, regional economy.

---

Recebido em 11/07/2008. Liberado para publicação em 10/12/2008.